



## Reformas já foram iniciadas

MARIA ROCHA  
repórter

FOTO: ROMILDO DE JESUS

Após a denúncia feita por esta **Tribuna** na edição de fim de semana sobre as rachaduras no Pavilhão Professor Thales de Azevedo da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), situado no campus de São Lázaro, uma atitude foi tomada. Na tarde de ontem, a Prefeitura do Campus informou que as reformas de adequação tiveram início nesta terça-feira e que um novo laudo deve ser apresentado até sexta-feira. Ainda assustados e não convencidos da segurança do prédio, os estudantes temem conviver com uma estrutura comprometida que, eventualmente, possa provocar até desabamento.

“O prédio tem dois anos e quando foi inaugurado não tinha nenhuma condição de ocupação. Contornamos algumas situações, mas mesmo assim as condições continuam precárias, sem sistema de refrigeração, vire e mexe falta água e as rachaduras estão cada vez maiores. Começamos a nos mobilizar contra isso. Agora estamos esperando o CREA (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da Bahia), vir aqui fazer uma auditoria”, disse Felipe Cerqueira, 20, estudante de Ciências Sociais, integrante do Coletivo Levante e Luta formado por alunos de



### ANÁLISE

O resultado de um novo laudo será divulgado na sexta

vários cursos.

A Prefeitura do Campus, responsável pela administração do prédio de aulas, afirmou que os reparos necessários, que se limitam apenas às correções superficiais – já que, segundo laudo da empresa Renovar Engenharia Ltda, contratada pela UFBA para realizar a vistoria do imóvel, não há risco de desabamentos – começaram ontem. “Além de iniciar as reformas, pedimos ao calculista da empresa que elaborasse um laudo mais específico, detalhando e atestando que aquelas ra-

chaduras e fissuras fazem parte de um processo natural”, disse Sêrvulo José Magalhães Barros, prefeito do campus.

Segundo o prefeito, o novo laudo, que deve ficar pronto até a próxima sexta-feira, deverá apenas reiterar o primeiro documento que garante que o prédio está seguro. Ainda de acordo com Sêrvulo Barros, os reparos não foram realizados anteriormente em virtude do calendário letivo.

O CREA, que tem como missão orientar, valorizar e fiscalizar o exercício ético legal da

engenharia, arquitetura, agronomia, geologia, geografia e meteorologia, em nível superior e médio, em prol da qualidade de vida da sociedade, se manifestou sobre o assunto.

“Nós não temos poder de embargo e nem de interdição. Quem tem esse poder é a prefeitura, através da própria Codetal (Defesa Civil), em se tratando de edificação de risco. Não fiscalizamos obra pronta”, adiantou para a **Tribuna**, Giesi Nascimento Filho, engenheiro civil e arquiteto, chefe de gabinete do CREA-BA.

Enquanto persiste o problema, os estudantes aguardam uma solução pensando no futuro das aulas. “Espero que a Reitoria tome uma providência. Além disso, têm outras coisas que incomodam. Estamos aguardando o prédio ao lado, o Raul Seixas, em reforma, ficar pronto para o ano que vem”, comentou Rodrigo Barreto, 20, estudante de Filosofia, que acredita ser o pavilhão que leva o nome do roqueiro baiano, um espaço que poderá abrigar os alunos de Ciências Sociais.

Também continua exposta, desde agosto, no prédio com as rachaduras, um comunicado da empresa Renovar Engenharia que diz não haver constatado riscos de desabamentos e afirma que as rachaduras são “superficiais e resultam do processo de assentamento do edifício”.